

FACO

FACULDADE E COLÉGIO

FACULDADE DE CRUZEIRO DO OESTE – FACO

Credenciada pela portaria - MEC N° 418, de 12 de abril de 2011.
Recredenciada pela portaria - MEC N° 1202, de 26 de outubro de 2016.

Entidade Mantenedora – ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL DE CRUZEIRO DO OESTE - EDUCO

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELEVÂNCIA PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

DANIELE ALVES DA SILVA

Cruzeiro do Oeste/PR

2021

DANIELE ALVES DA SILVA

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELEVÂNCIA PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da faculdade FACO como parte integrante dos requisitos para a obtenção do diploma de graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professora Me. Marilza de Lima Jardim

Cruzeiro do Oeste

2021

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELEVÂNCIA PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

RESUMO: Partindo da premissa que um ambiente escolar acolhedor, faz necessário que a aquisição de novos conhecimentos seja facilitada e mais real aos alunos, entende que o elo afetivo entre educador e educando, torna-se imprescindível em qualquer etapa da escolaridade, especialmente quando se é bem pequeno, como é o caso dos alunos que frequentam as Instituições de Educação Infantil. Tendo isto em vista, este trabalho tem como objetivo compreender a relevância do afeto no desenvolvimento integral da criança, identificando os aspectos que contribuirão de forma positiva – ou não – no processo de estabelecimento de saberes na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que firmará seus pilares nas teorias de Piaget, Vigotsky e Wallon, que apresentaram pensamentos norteadores que servem como luz na construção do texto discutido.

Palavras-chave: Educação Infantil; Afetividade; Docência.

AFFECTIVENESS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

RELEVANCE TO SIGNIFICANT LEARNING

ABSTRACT: Based on the premise that a welcoming school environment makes the acquisition of new knowledge easier and more real for students. It is understood, then, that the affective link between educator and student becomes essential at any stage of schooling, especially when one is very young, as is the case of students who attend Early Childhood Education Institutions. With this in mind, this study aims to understand the relevance of affection in the integral development of the child, identifying the aspects that will contribute positively – or not – in the process of establishing knowledge in Early Childhood Education. It is a research that will establish its pillars in the Piaget, Vigotsky and Wallon, who will serve as light on this path to be followed.

Keywords: Child Education; Affection; Teaching.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	6
2.2 AFETIVIDADE	9
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA ED. INFANTIL	11
2.4 A FAMÍLIA E A COMUNIDADE ESCOLAR	14
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

1. INTRODUÇÃO

Na rotina diária dos Centros de Educação Infantil, a afetividade tem bastante influência nos relacionamentos de ensino-aprendizagem, pois o vínculo aluno-professor necessita estar bem firmado, para que o processo de aquisição do conhecimento se concretize de fato. Contudo, não pode-se cair no esquecimento de que este mundo globalizado trouxe diversas mudanças na vida das pessoas, e assim, as crianças estão indo cada vez mais cedo para as escolas e em um ritmo cada vez mais acelerado; adiantando certas etapas e queimando outras que seriam cruciais para o desenvolvimento da sua vida futura.

Não raramente nos deparamos com docentes preocupados em ensinar conteúdos ditos alfabetizadores do que propiciar uma convivência harmoniosa uns com os outros. Entretanto, para que a aprendizagem seja significativa, a afetividade necessita ser o elo entre alunos e professores.

Assim, neste artigo, de escopo interdisciplinar, apresentamos e discutimos alguns pressupostos de Piaget (1976), de Vigostky (1998) e de Wallon (1971), sobre aspectos do desenvolvimento afetivo infantil. Recorreremos, ainda, às discussões de Sobral e Giacomelli (2020) sobre a educação dialógica alteritária.

O texto está estruturado em 4 (quatro) seções, além desta introdução inicialmente, uma análise concisa do histórico da Educação Infantil, a fim de contextualizar e contribuir para a compreensão do que a literatura preconiza para esta etapa da vivência escolar. Na segunda parte, segue-se com a reflexão sobre a criança como um indivíduo que, acima de tudo, necessita de carinho e atenção. Para isso, dispomos das contribuições de Wallon trazendo o conceito de afetividade. Problematicamos, também, a necessidade de os professores da Educação Infantil atuarem como interlocutores ativos de seus educandos, a realizar uma escuta alteritária da riqueza de suas percepções de mundo, para compreender e considerar o outro-criança, de um ponto de vista integral. Por fim, foi exposto o dever de se

possuir uma família/ comunidade presente nas relações educacionais de suas crianças, para firmar um elo em que o centro seja sempre o bem-estar da criança pequena.

Diante disto, se torna imprescindível pensar na criança como um ser que já é; que pensa, sente, comunica e que age; refletir a criança destacando a sua integralidade e suas especificidades (ALESSI, 2017). Um sujeito que, assim, como todo ser humano, é inconcluso e que está em permanente construção (VOLÓCHINOV, 2018), e que é por meio do afeto, que esta criança crescerá emocionalmente saudável.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No panorama histórico, a educação da criança pequena esteve aos cuidados da família durante séculos. Na sociedade contemporânea, por sua vez, este pequeno cidadão, tem a oportunidade de interação em um ambiente onde pode se socializar, conviver e aprender com seus pares.

No Brasil, com a inserção do capitalismo, em que houve a transição do modo de produção doméstico para o sistema fabril, e conseqüentemente, a substituição das ferramentas pelas máquinas e a troca da força humana pela força motriz, ocasionou-se toda uma reorganização da sociedade (KUHLMANN 2015). Assim, a Revolução Industrial, provocou um enorme impacto em toda classe operária, ao possibilitar a entrada em massa das mulheres para o mercado de trabalho, obrigando-as a submeterem-se ao regime da fábrica e das máquinas. Essa revolução alterou a forma de a família cuidar e educar seus filhos.

As primeiras instituições destinadas às crianças pequenas no país, surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de amparar os filhos das mulheres que trabalhavam fora de casa. Esses espaços, entretanto, ofertavam uma educação mais moral do que intelectual, o que Kuhlmann (2007), se refere como pedagogia da submissão, uma vez que, a intenção era diminuir as desigualdades existentes

entre as camadas sociais, mas fazer com que as famílias desprovidas economicamente aceitassem a exploração social do trabalho inquietações e sem questionamentos. Decorre a não garantia do direito da criança ao pleno desenvolvimento social, intelectual e cultural.

Com o crescimento da economia brasileira e a ampliação da participação da mulher no mundo do trabalho, ocorrem mobilizações sociais no final dos anos 1970 e 1980, sendo elas organizadas por mães trabalhadoras, sindicatos, grupos profissionais e especialistas em educação, com a finalidade de reivindicar mais vagas em instituições de ensino, a assegurar o direito de atendimento da criança (CAMPOS, et al. 2006).

Como repercussão dessas e de outras manifestações, em 1988 foi promulgada a Constituição Federal da República Federativa do Brasil, que em seu artigo 205 salienta: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". No art.208, estabelece-se como dever do estado o atendimento de crianças de até 5 anos de idade na educação infantil (Redação dada pela EC nº53, 2006).

Contudo, o acesso e a permanência à Educação infantil não estavam entre as prioridades nos projetos de Políticas Públicas nacionais. Oliveira (2012) afirma que com a Criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, é que houve uma consolidação dos direitos da criança adquiridos por meio da Constituição. E assim, esses fatos, contribuíram para aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394, publicada em 20 de dezembro de 1996, que declara, em seu artigo 29 "a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica [...]", de modo que esta se torna parte do sistema regular de ensino, o que promove o início do processo de desvinculação das creches dos órgãos de Assistência Social.

Ainda sobre os avanços da primeira etapa da Educação Básica, vale destacar que em 1998 o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e o Conselho Nacional de Educação (CNE), formularam as DCNEI (Diretrizes Curriculares da

Educação Infantil), de caráter mandatário, a apontar as preocupações com a qualidade do atendimento às crianças de 0 a 6 anos, que se esclarece na organização e nos princípios éticos, estéticos e políticos para o trabalho diário dos docentes. Também em 1998, foi promulgado o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil). Como analisa Guimarães (2008), porém, esse documento, embora visto como um avanço, gera controvérsias na sociedade e em entre muitos estudiosos da área: “[...] por um lado, situa a educação infantil como um lugar de construção da identidade e da autonomia da criança, por outro lado, a estruturação dos conteúdos e metodologias mostra a preocupação com a antecipação dos conteúdos do ensino fundamental” (GUIMARAES, 2008 p.32).

Kuhlmann (2015) observa que essa nova fase é marcada pelo reconhecimento das instituições de Educação Infantil como dignas e legítimas, onde há possibilidades de fornecer uma boa educação para as crianças que as frequentam. Entretanto, o autor reitera que a incorporação das creches aos Órgãos de Educação, não necessariamente, teria proporcionado a superação da visão educacional assistencialista.

A seguir na linha do tempo dos marcos históricos da Educação Infantil, com a Emenda Constitucional 59/2009, a Educação Básica passou a ser obrigatória para aqueles com idade entre 4 (quatro) e 17 (dezessete) anos. Com isso, desde então, a Educação Infantil, deixa de ser facultativa e torna-se obrigatória na etapa pré-escolar (4-5 anos de idade).

Na realidade atual, todavia, mesmo com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, presencia-se a permanência de uma concepção simplificada de Educação Infantil, principalmente nas creches: instituições que são destinadas a atender crianças de 0 a 3 anos; onde não há tanta clareza de qual educação se pretende proporcionar. O binômio cuidar e educar reúne termos que, em tese, deveriam ser indissociáveis, mas que, por vezes, se tornam confusos na prática cotidiana dos docentes, o que acaba por sugerir um modelo com práticas escolares antecipatórias, totalmente inadequado à faixa etária atendida. Nota-se que, ainda na hoje, as crianças pequenas são submetidas a uma disciplina arbitrária em que prevalece a intenção em “[...] controlar alunos para que sejam obedientes à autoridade” (KUHLMANN, 2000 p.13).

2.2 AFETIVIDADE

A ideia de afeto é bastante ampla, com isso, faz-se necessário pesquisar algumas concepções a respeito da afetividade ao longo dos tempos.

De acordo com o dicionário Aurélio online, afetividade significa: "qualidade ou caráter de quem é afetivo", caracteriza a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos. A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e é o elemento básico da afetividade. Tendo isto em vista, ao buscar significações um tanto quanto filosóficas o Dicionário de Nicola Abbagnano, traz a palavra afetividade como um conjunto de atos como: bondade, inclinação, devoção, proteção, apego e gratidão, ou seja, caracteriza-se na preocupação para com o outro, tendo apreço e cuidado. Assim, Abbagnano (1998 p.53) afirma que "afeição é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela".

Para que seja possível a compreensão do termo afetividade, de uma maneira mais abrangente na Educação Infantil, necessita, primeiramente, buscar na luz da Psicologia do Desenvolvimento infantil, especialmente o desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. Sendo assim, a teoria do Desenvolvimento Humano implica que a criança não é um adulto em miniatura, pelo contrário, ela apresenta características próprias de sua idade. Pesquisas e estudos de Jean Piaget mostram que estudar o desenvolvimento humano significa que existe diversas formas de compreender, perceber e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária.

O desenvolvimento Humano acontece entre de 4 aspectos:

- Aspecto Físico-motor: se refere a maturação neurofisiológica;
- Aspecto Intelectual: raciocínio, abstração;
- Aspecto Afetivo: modo como integra suas vivências;
- Aspecto Social: relação como as pessoas e a cultura.

E neste trabalho iremos focalizar nossos estudos no Aspecto afetivo. Por isto, teremos que recorrer as pesquisas de Henri Wallon, com seus dizeres sobre afetividade.

WALLON (1954, p. 288), educador e médico francês:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente.

Pode-se dizer então, de acordo com os conceitos supracitados, que a afetividade concebe um domínio funcional importantíssimo para a vida social e emocional de um indivíduo. As relações de carinho e cuidado, são lações que só são demonstrados por alguém íntimo. Ou seja, são emoções pelas quais só serão compartilhados com quem temos uma amizade mais profunda. Contudo, para que haja uma amizade sincera, e intensa, será necessário que os indivíduos envolvidos nesta relação, se interagem mais ativamente, e que no dia a dia, ambos, estejam dispostos a ouvir um ao outro, tanto nas alegrias, quanto nas mazelas da vida. Quando isto ocorrer, aí sim, poderemos falar em afetividade.

A depender das situações, a afetividade, pode – ou não – ser modificada, dado que, ela é um estado psicológico do ser humano. Para Piaget (1976):

[...] tal estado psicológico e de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida.

De acordo com as definições, entende-se que, os vínculos afetivos na vida do ser humano são importantíssimos para o seu bem-estar. Pois, a afetividade é a dinâmica mais complexa, em que um sujeito se liga ao outro através do sentimento mais nobre: o amor. Estes vínculos, se solidificam nas relações compartilhadas no meio social.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA ED. INFANTIL

Ao refletir sobre a afetividade o professor necessita estar ciente de que Ele será um exemplo para seus alunos, e o carinho, o cuidado e o zelo entre ambos terão que ser constantes. Pois é na troca de informação que o vínculo acontece, onde o ambiente que a criança está inserida tem um peso relevante sobre seu aprendizado. Cabe ao professor de educação infantil, portanto, ir em busca de aprimorar sua prática, a fim de embasar seu trabalho em conhecimentos sólidos, sendo o mediador dos processos de aprendizagem, criando condições para facilitar com que a criança evolua na construção da sua vivência.

Piaget (1976) elucida que sem afeto o aprendizado da criança é dificultado, acrescenta ainda que:

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (PIAGET, p. 16).

O educador necessita, por sua vez, que sua práxis busque uma educação em que impere o respeito pelas singularidades da criança. Assim, os profissionais que atuam na primeira etapa da Educação Básica, necessitam ter a ciência de que o exercício desta função exige muito mais que apenas ser um simples coadjuvante do processo de ensino aprendizagem; o professor precisa compreender que ele “medeia o processo de apropriação dos objetos culturais e organiza a atividade da criança” (PASQUALINI, 2010, p.76). O ensino da Educação Infantil, portanto, está presente quando o professor planeja intencionalmente suas ações, tendo como

objetivo, levar a criança “a formar conceitos e a confrontar conhecimento” (ARCE, 2013 p.10).

Na perspectiva de Bakhtin (2010), cada sujeito ocupa um lugar único “irreptível” e insubstituível no mundo, e por isso, suas ações necessitam ter ligação direta com a ética e ser responsável por seus atos em relação ao outro. Para isso, o professor de educação infantil deve “assumir o ato [responsivo] não como um fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, mas assumindo no interior, na sua responsabilidade” (BAKHTIN, 2010, p. 80). A ideia de responsabilidade em Bakhtin (2010), se estabelece em torno da concepção de que o

ato é o resultado final, uma consumada *conclusão* definitiva; concentra, correlaciona e resolve em um contexto único e singular e já final o *sentido* e o *fato*, o universal e o individual, o real e o ideal, porque tudo entra na composição de sua motivação responsável; o ato constitui o desabrochar da mera possibilidade na singularidade da escolha *uma vez por todas*” (BAKHTIN, 2010, p. 80, grifos do autor).

Para que as ações docentes na educação infantil se concretizem em atos responsáveis em prol ao desenvolvimento integral da criança, se faz necessário conhecer e considerar as especificidades do que é ser criança, levando em consideração a faixa etária e suas mais heterogeneidades. Nesse sentido, Sobral e Giacomelli (2020), ao tratar de uma proposta de pedagogia dialógica, abordam a escuta alteritária como elemento fulcral para as interações discursivas no espaço escolar. Para os autores, escuta alteritária é a “escuta verdadeira do outro, que permite que o outro “entre em mim e me transforme, mesmo quando não concordo com ele”. É diferente de concordar ou discordar, mas colocar-se em movimento de escuta, refletir conjuntamente e, talvez, chegar a uma terceira possibilidade (SOBRAL, GIACOMELLI, 2020 p.9). Nesse sentido, é imprescindível que o educador se aproprie do papel de mediador, cabendo a ele “gerir a classe, não controlar os alunos” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020, p.20); organizando espaços, proporcionando situações de aprendizagem, valorizando o período tão importante que é a infância.

Para aqueles profissionais da educação, que atendem crianças bem pequenas, cabe uma séria análise e reflexões, com intuito de auto avaliar-se para a

busca de uma escuta mais sensível e aguçada para 'ouvir' o que está além das palavras ditas oralmente. Nesse sentido, ressalta-se a relevância de considerar o papel dos gestos e dos sinais que os bebês emitem.

[...] refere que quando o gesto é usado nos primeiros estágios de desenvolvimento da criança, ele é usado para dar assistência ao sistema linguístico que a criança ainda não adquiriu. Porém, segundo a autora, uma vez que a linguagem foi dominada, o gesto fica livre para ser usado para outros propósitos. De acordo com ela, tais gestos constituem na criança a primeira incursão no sentido de estabelecer uma base comum com outra pessoa, no sentido de afetar como aquela pessoa, age, sente e pensa (AMORIM, 2012 p.75).

É necessário considerar que o conhecimento é construído e que só se torna efetivo, quando é construído em conjunto com seus alunos. Sabe-se que a rotina extenuante do professor, acaba por dificultar que estes profissionais, olhem e escutem seus alunos de maneira alteritária, a fim de observar as sutilezas e minúcias dos enunciados infantis. Mas é fundamental que o professor adeque sua escuta e sensibilize seu olhar para que seu aluno possa participar desta construção e se apropriar de saberes que o constituem como sujeito. Sobral e Giacomelli (2020) explicitam que “[...] esse agir implica a escuta alteritária, definida acima como uma escuta que vê o outro como real coparticipante de uma interação, com empatia e respeitando sua maneira específica de ser, o que é sempre um desafio para quem escuta, seja ou não professor”. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020, p.21)

Constata-se, em suma, que as relações de aprendizagens sejam unificadas no ato responsável de um sujeito que acolha os outros, que os veja, que os perceba; que não se torne indiferente. Sem uma escuta alteritária e responsável não há possibilidades de que a atuação do professor venha gerar um desenvolvimento significativo para as crianças. Ao escutar o que gestos e os movimentos corporais das crianças têm a dizer, os professores de educação infantil dão importância a essas 'vozes', considerando-as participativas do diálogo do conhecimento. Diante disso, o trabalho pedagógico de todo e qualquer professor, necessita estar pautado em uma perspectiva que se realize, não apenas *para* as crianças, mas *com* as crianças (FREIRE, 2005).

2.4 A FAMÍLIA E A COMUNIDADE ESCOLAR

A família é um núcleo de convivência, estruturado e unido por laços afetivos, que devem ser cultivados com muito carinho sempre. Segundo Chalita (2001 p.23), “A família tem como função primordial a proteção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos[...]”. Então conseguimos enunciar que a família tem a função de preparar o emocional do indivíduo, especialmente nos primeiros anos escolares, porque o primeiro ambiente de aprendizagem da criança é no meio familiar. Por essa razão, a função da família é ter a proteção, em dar suporte e orientar na escolarização, para que elas possam ser capazes de criar vínculos afetivos que favoreçam para a construção do ser.

Almeida (1999, p. 50) diz que: ‘... as relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos em que a inteligência não se desenvolve sem afetividade’. Isto posto, a afetividade é essencial para a família, em razão disso, em que esta, tem que estar presente em todos os momentos da vida estudantil do aluno.

Todas as instituições dependem e necessitam da participação da família. Para Gabriel Chalita (2001, p. 17) essa participação poderá ser “[...] em alguns momentos, apenas como incentivo; em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola”. Destarte, o aluno não aprende somente na escola, mas por meio da família ou de pessoas que ele considera significativas, que faz parte do seu cotidiano. Nem a escola e nem os professores conseguem suprir a ausência de algum familiar.

O professor da Educação Infantil tem que estar ciente do seu fundamental papel e importância nesse processo, porque junto com os pais, os educadores são responsáveis pelo encorajamento ao desenvolvimento e crescimento do aluno. Portanto, o educador, precisa ser sensível às suas emoções para saber lidar com as crianças. Sua função exige paciência, compreensão e técnica, tendo que ser capaz de lidar com imprevistos, requer também, flexibilidade e criatividade.

Enfim, acredita-se que uma educação mais humana, que adere a uma pedagogia do amor e do afeto, que influencie vidas, tem que estar presente em todas as salas de aulas, porém, a família terá que fazer a sua parte, para que Escola e Comunidade crie um elo indissociável em prol de uma educação de qualidade para os pequenos cidadãos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer relação, seja ela de familiares, profissionais ou pessoais, devem ser afetivas, principalmente para as crianças, e tem que ser validada por todos, em todas as faixas etárias e nível social e cultural. Sendo assim, a afetividade está presente no cotidiano e nas experiências vividas por todos os seres, nos relacionamentos, desde o nascimento até o fim da vida.

As crianças precisam de limites, porém também precisam de amor, carinho, atenção e etc. O educando aprende o que é respeito e respeita a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se importa com ele e lhes ensina o caminho.

Percebe-se que a afetividade é essencial para a vida das pessoas e que representa um dos aspectos mais significativos na construção de pessoas mais saudáveis, mais capazes de tomar decisões inteligentes, principalmente a importância que tem a afetividade na vida da criança e como essa relação vai interferir na formação e na vida adulta. Isto posto, entende-se que os aspectos afetivos e cognitivos são um par inseparável. Com isto, no interior da vida escolar, principalmente na Educação Infantil, os alunos necessitam viver momentos que potencialmente geram crescimento, que vão ter implicações afetivamente marcantes em seu desempenho pedagógico. Em um tempo de crises, tragédias e separações como a nossa, é necessário começarmos a colocar em prática nas instituições, ideias mais humanistas, que saiba valorizar desde sempre a importância das emoções.

Para finalizar as discussões desenvolvidas nesta pesquisa, precisa-se refletir que as instituições escolares, e neste caso específico, as de Educação Infantil, necessitam sempre ser um ambiente de investigação por parte do professor, de sua própria prática pedagógica. Devem possuir também, um espaço dinâmico e lúdico, no qual os alunos alcancem o pleno desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades corporais, cognitivas, afetivas, emocionais, éticas, de relação interpessoal e inserção social. Um ambiente acolhedor, e que o aluno possa se sentir à vontade, participante daquele espaço. Desse modo, as escolas de Educação Infantil que priorizam pela qualidade da educação e permitem interações

sociais afetivas, serão aquelas que de fato, contribuirão para a formação de crianças saudáveis, inteligente e acima de tudo, felizes.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 21ª ed São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALESSI, Viviane Maria. **As linguagens dos bebês na educação infantil: diálogos do círculo de Bakhtin e Henri Wallon**. Orientadora: Profa. Dra. Marynelma Camargo Garanhani: **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em:
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus. 1999
- AMORIM, Katia de Souza. **Linguagem, comunicação e significação em bebês. Tese** (Livre-docência) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo- Ribeirão Preto, SP, 2012. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/59/tde-03052019-103233/publico/KATIADESOUZAAMORIM.pdf>> Acesso em: 13 jun. 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos. Pedro & João Editore, 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 16 abr. 2020.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em: 16 abr.2020.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 12 jan.2020.
- CAMPOS, Maria Malta., et. al. **A qualidade da Educação Infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.127, p. 87-128, 2006.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0536127> > Acesso em: 09 out. 2019.

CHALITA, G. Educação: a solução está no afeto. 6ed. São Paulo: Gente, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KUHLMANN, Moyses. **Histórias da educação infantil brasileira**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.14, p.5-18, 2000b.

_____. **Educação infantil - segmento que deve ser valorizado**. Revista Difusão de Ideias. Fundação Carlos Chagas. Out. 2007.

_____. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. et. al. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2012.

PASQUALINI, Juliana Campregher. **O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vygotski, Leontiev e Elkonin**. In: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton, orgs. Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins9788579831034-10.pdf>> Acesso em: 26 mar. 2020.

_____. **A educação escolar na criança pequena na perspectiva histórico-cultural e histórico-crítica**. In: Pedagogia histórico-crítica: 30 anos / Ana Carolina Galvão Marsiglia (org.). -- Campinas, SP: Autores Associados, 2011. -- (Coleção memória da educação) Vários autores.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

SOBRAL, Adail.; GIACOMELLI, Karina. Por uma proposta de educação dialógica alteritária. **Línguas & Letras**, Cascavel, PR, v. 21, n. 49, p. 127-154, 2020. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675> > Acesso em: 30 jun. 2021.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da criança**. Revista Veja: Editora Abril. Nº 163. Ano 1971, p. 79.